

## MÉTODO HUMANO-PROCESSUAL: CONTRIBUIÇÕES À PESQUISA EM EDUCAÇÃO

*Human-Processual Method:*

*Contributions to Research in Education*

Rafael Rossi<sup>1</sup>



<https://orcid.org/0000-0001-8544-3756>



445

### RESUMO

No presente artigo explicitamos, introdutoriamente, o método humano-processual em suas potencialidades analíticas e investigativas para a pesquisa em educação. A abordagem teórica e metodológica humano-processualista remonta à tradição filosófica que possui a preocupação em desvendar o movimento essencial do objeto como ele é em si mesmo. Além disso, em igual importância, há a preocupação com o processo catártico na dimensão ética no processo de produção do conhecimento. Desvendar o objeto em sua lógica imanente, nesse sentido, é tão relevante quanto à preocupação com o aprimoramento das individualidades envolvidas. Nesse sentido, o método humano-processual apresenta possibilidades tanto para a produção científica, quanto com relação à dimensão filosófica e ética do processo de formação humana que os indivíduos desenvolvem.

**Palavras-chave:** Método Humano-Processual. Ciência. Catarse. Ética.

---

<sup>1</sup> Docente e Pesquisador na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS de Campo Grande, MS. E-mail: r.rossi@ufms.br

## ABSTRACT

In this article, we introduce, introductoryly, the human-processual method in its analytical and investigative potential for research in education. The human-processualist theoretical and methodological approach dates back to the philosophical tradition that is concerned with unveiling the essential movement of the object as it is in itself. Furthermore, of equal importance, there is concern with the cathartic process in the ethical dimension in the knowledge production process. Unveiling the object in its immanent logic, in this sense, is as relevant as the concern with improving the individualities involved. In this sense, the human-processual method presents possibilities both for scientific production and in relation to the philosophical and ethical dimension of the human formation process that individuals develop.

**Keywords:** Human-Procedural Method. Science. Catharsis. Ethic.

## Introdução

A humanidade se forma em cada indivíduo que é, essencialmente, um processo inacabável. Ninguém está predestinado. Nós nos tornamos seres humanos processualmente à cultura e à sociedade. Nós carregamos, de certo modo, a individualidade de nossos antepassados, assim como todo cientista precisa – por uma questão de ofício – se apropriar de conhecimentos e técnicas elaborados por indivíduos de épocas anteriores.

O que é específico da humanidade, que nos difere dos demais animais, é a nossa capacidade em formular perguntas, encaminhar respostas e produzir inovações sempre. A etimologia da palavra processo remonta ao latim “processos”, estabelecendo relação ao verbo “procedere” em que “pro” designa “para frente” e “cedere” diz respeito à noção de movimento, de caminhar. O processo humano e societário que ocorre na formação humana, em nosso entendimento, guarda uma conexão profunda entre avanços e retrocessos criados pelos próprios seres, pelos indivíduos em plena interação.

O conhecimento objetivo deve auxiliar no aperfeiçoamento das individualidades. Conhecer o objeto de pesquisa é indispensável e insubstituível para a produção da ciência. Porém, o ato de pesquisar – e também o de ensinar – só adquire real sentido se contribuir para o desenvolvimento da

humanidade que há em cada indivíduo. A sociedade não é simplesmente a soma dos indivíduos, mas a síntese qualitativa dos processos e práticas que os indivíduos realizam entre si.

A realidade social independe do conhecimento que dela se tenha. Os objetos possuem efetividade real, são processos, formados por complexidades e que se relacionam a outros complexos da própria objetividade. Nós podemos conhecer a realidade objetiva superando seus planos mais imediatos. Isso não significa, contudo, esgotar o real em absoluto, mas sim, um processo investigativo, científico e filosófico, de aproximação à trama essencial que conforma e dinamiza os objetos.

A filosofia parte sempre de um problema, de uma questão, de um ente, isto é, de uma problematização com referência a questões reais e, portanto, ontológicas. Trata-se da impositação ontológica inerente à reflexão filosófica autêntica desde Aristóteles, como nos ensina Hartmann (2018). A filosofia pode desenvolver e levar mais longe as conquistas e descobertas que a ciência oferece. Questionamentos e problematizações filosóficas que, por sua vez, precisam considerar o real como instância primeira e última da épica e trágica odisséia humana.

447

Quando a filosofia se perde em quirelas relativistas que ignoram as raízes concretas dos conceitos e elaborações teóricas, incorre, de algum modo, em uma “degeneração especulativa” (Hartmann, 2018, p. 06). Aliás, as categorias, enquanto abstrações teóricas que apreendem e traduzem movimentos essenciais reais dos fenômenos, não são precedidas por “regras” limitantes do método. Por outro lado, a evidência investigativa é fruto do “avanço do objeto”, em uma “visão de conjunto” (Hartmann, 2018, p. 06).

Com efeito, partimos de um pressuposto: em todo processo de investigação científica há um sujeito e um objeto a ser desvendado. Todo objeto é um processo. Ele não “é” simplesmente, mas sim, “está acontecendo”. A ideia de processo permite compreender que os objetos de pesquisa possuem uma historicidade, um movimento, uma transitoriedade. Caberá ao investigador, ao sujeito que realiza a pesquisa, explorar suas origens, seu desenvolvimento, suas tendências e possibilidades.

Nesse artigo apresentamos, na sequência, as linhas gerais da abordagem humano-processualista em seus fundamentos e problematizações. Após essas explicações, avançamos para

explicitar as contribuições dessa abordagem científica e filosófica à pesquisa educacional e, por fim, nossas considerações finais a respeito dessa perspectiva metodológica profundamente humanista e, assumidamente, em processo de construção.

## Princípios Gerais da Abordagem Humano-Processual

O Método Humano-Processual é legatário de toda uma tradição que busca, veementemente, produzir ciência e filosofia sobre o real, em sua existência e essência, desde Parmênides, Aristóteles, Tomás de Aquino, Hegel, Lukács e Nicolai Hartmann; avançando na responsabilidade ética dos indivíduos na própria produção do conhecimento, sua disseminação, e, também, no desenvolvimento das próprias individualidades em permanente processo de formação e interação social.

Entendemos - como a história demonstra - que os indivíduos se comportam e agem em uma determinada totalidade social. Contudo, a própria atuação individual pode modificar a totalidade. Estamos diante, portanto, de uma perspectiva individual e humanista que não ignora a totalidade, mas se interessa, sobretudo, nas possibilidades e nas potencialidades do sujeito em face de sua *autonomia relativa*.

Por totalidade entendemos a síntese qualitativa das múltiplas interações que as dimensões sociais como a educação, a arte, a filosofia, o Direito, a política, a cultura etc. estabelecem umas com as outras. Ainda sobre essa questão é importante sinalizar que a totalidade não é simplesmente a somatória das partes e, menos ainda, sinônimo de tudo. Ela se refere aos processos, às interações, conexões e dinâmicas qualitativas.

Os indivíduos, por seu turno, não são determinados mecanicamente pelas totalidades. Eles vivem, interagem processualmente entre si e com o todo, possuindo e desenvolvendo sua autonomia, isto é, o seu campo de atuação. Todavia, essa autonomia não é de cunho absoluto, pois se assim o fosse, seria o mesmo que afirmar que os sujeitos podem realizar tudo o que desejam. Por

isso mesmo, entre a negação da autonomia individual e a sua supervalorização idealista, está o seu poder de atuação relativo.

O sujeito precisa responder o que é o objeto, como se originou, como se desenvolveu, como o objeto se articula com demais dimensões da vida e da sociedade etc. Esse movimento possibilitará ao sujeito se “aproximar” da essência do objeto. Utilizamos a expressão “aproximar”, pois como o objeto existe efetivamente, a realidade será sempre mais dinâmica que o esforço teórico por apreendê-la.

Caberá ao sujeito, nesse método, não inventar a realidade, deturpá-la ou recortá-la. Ao contrário, ele precisará mobilizar seus conhecimentos para que possa explicitar, traduzir, revelar e descobrir o movimento essencial do fenômeno sob investigação científica. Toda produção acadêmica e filosófica responde a questões e demandas de uma determinada época, inclusive, precisamos estar atentos ao fato de que um “pensar que se houvesse ficado efetivamente sem problemas, tampouco, poderia, provavelmente, ensinar-se” (Hartmann, 2018, p. 09). Em outras palavras, apesar de “todas as tendências contrárias, tem cada época seus problemas, não havendo relativismo capaz de varrer-se com eles” (Hartmann, 2018, p. 09).

449

Além dessa necessidade – real e ontológica - em descobrir o “segredo” do objeto, nós que trabalhamos com o Método Humano-Processual, devemos nos questionar: Como o sujeito investigador se forma? Quais os conhecimentos que possibilitam o desenvolvimento de sua intelectualidade? Como sua análise crítica pode ser aperfeiçoada?

Revelar o movimento essencial do objeto, para nós, é tão importante quanto a preocupação com a defesa da humanidade presente em cada indivíduo. Não acreditamos em revoluções de qualquer tipo e natureza no âmbito da escala societária. Porém, defendemos o direito de cada indivíduo a um desenvolvimento que possibilite sua ampliação de horizontes de análises.

Levamos à máxima reflexão a preocupação filosófica e ética do conhecimento a respeito do “ente enquanto ente” (Hartman, 2018, p. 07). Analisar o ente enquanto tal, significa, em primeiro lugar, apreender o objeto no sentido de avançar para além de suas camadas epidérmicas e, em segundo lugar, o desenvolvimento do próprio ente, do sujeito e do pesquisador, do professor e do aluno.

Temos clareza de que a realidade social é desigual e apresenta oportunidades reais desiguais para os indivíduos. Aliás, o próprio Balzac, já no século XIX, escreveu, em seu clássico *Ilusões Perdidas*, que a sociedade “não mais adora o verdadeiro Deus, mas o bezerro de ouro!” (BALZAC, 1978, p. 345). Contudo, não aderimos à perspectiva marxista ou anarquista que acredita ser possível superar uma formação societária desigual com apelos e mobilizações que, em muitos casos, carecem de uma profunda autocrítica dentro de seus próprios movimentos e agremiações.

A função do indivíduo cientista é dupla: produzir um conhecimento profundo sobre o fenômeno que estuda e se desenvolver humanamente nessa dinâmica de pesquisa. Esse é o nosso foco e o objetivo de nossas reflexões. O movimento científico, o conhecimento teórico é “ontológico no fundo”, pois somente se pode pensar em “algo”, sendo o pensar em “nada” uma impossibilidade, pois esse “algo” se manifesta em “todo momento uma pretensão de ser e conjura a presença da questão do ser”. (Hartmann, 2018, p. 11).

Outras abordagens metodológicas já tentaram equacionar a relação entre sujeito e objeto, porém, desembocaram no idealismo, ou seja, na tentativa de exigir da realidade possibilidades que ela não oferece concretamente. O marxismo, por exemplo, possui inúmeras vertentes, diversas e – até mesmo – antagônicas correntes. Entretanto, a dubiedade de muitos de seus princípios, sobretudo, a insistência num pretenso movimento revolucionário, podou o seu potencial científico filosófico.

Marx fundou uma teoria social com muitos elementos sofisticados e que permitiram compreender a realidade social em profundidade. Entretanto, sua adesão irrestrita ao movimento proletário e numa perspectiva revolucionária fez com que se tornasse impossível aprofundar muitos aspectos filosóficos de sua abordagem teórica.

Para o Método Humano-Processual ao contrário, a ciência deve fornecer um conhecimento objetivo, isto é, que possibilite, cada vez mais, compreender a lógica do objeto para além de suas aparências. Ao mesmo tempo, esta abordagem metodológica advoga a necessidade de que o processo de pesquisa e de ensino contribua profundamente para que os indivíduos que pesquisam e que ensinam possam se humanizar em patamares mais elevados.

Sófocles, na Antiga Grécia, em sua obra *Antígona*, já havia afirmado, por meio da personagem do rei Creonte que “Não é possível conhecer a alma, a índole e as ideias de um homem, antes que ele as manifeste no exercício do poder e na elaboração das leis” (SÓFOCLES, 2011, p. 29). Nós, indivíduos em processo de humanização, demonstramos o que somos na efetividade real e concreta de nossas ações.

A concepção de sujeito da abordagem humano-processual é ampliada e possibilita abrir horizontes de análise e de reflexão até então secundarizados. O objeto precisa ser descoberto, precisa ser decifrado. Entretanto, a ação do indivíduo que assim procede também deve ser levada em consideração no processo de produção de conhecimento que é, também, um processo de humanização de todos os agentes envolvidos.

Esse processo de humanização diz respeito aos processos de apropriação e interação que estabelecemos com outros indivíduos, com a sociedade e, também, com a cultura humana em seu sentido mais amplo. Essa processualidade profundamente formativa nos coloca como agentes criativos e interativos de conhecimentos, habilidades, técnicas, ideias, valores e demais objetivações culturais.

451

Quando os indivíduos mobilizam esforços teóricos – que, em verdade, são também de ordem prática – no sentido de apreenderem e traduzirem as tendências e o movimento do objeto real que investigam, eles igualmente colocam em processo as suas próprias individualidades. O pesquisador que intenta investigar o ser, também se modifica. O sujeito ao pesquisar visa desvendar algo e, nessa dinâmica, mobiliza um processo de sua individualidade.

Quando um cientista elabora e sistematiza uma descoberta ele contribui de modo positivo para com a humanidade. A questão que, agora, devemos realizar é: A sua individualidade também se modificou num sentido essencialmente positivo? A dimensão ética aqui é dupla: se relaciona com o objetivo maior em produzir ciência e, ao mesmo tempo, em contribuir para que o processo humano que ocorre em cada indivíduo se desenvolva em patamares cada vez mais elaborados e superiores na defesa incansável pela integridade e dignidade humana.

Essa dimensão ética está diretamente relacionada à preocupação com a catarse na produção do conhecimento para a abordagem humano-processualista. Entendemos por catarse um processo

que visa “restabelecer o nexa do indivíduo com o gênero” (FREDERICO, 2013, p. 135). De modo geral, nosso cotidiano impulsiona a luta pela conquista da sobrevivência individual e de nossas famílias. A dimensão ética, por meio da catarse, recoloca em primeiro plano a conexão processual que nós, indivíduos, temos para com a humanidade, num sentido extremamente positivo e humanizador.

Pensamos a catarse, desse modo, para além do campo estético de sua discussão. A catarse na produção da ciência, por conseguinte, possui um alicerce ético ao refletirmos sobre o movimento processual da individualidade do pesquisador durante a dinâmica de elaboração teórica. O objetivo deve ser um processo catártico que possibilite o restabelecimento da conexão positiva entre indivíduo e gênero humano.

## **Potencialidades para a Pesquisa em Educação**

452

A realidade não é “construída” de modo absoluto pela ideia. Tampouco a subjetividade é um mero epifenômeno do real. A teoria é compreendida como sistematização mais próxima possível da essência, no plano do pensamento (ou seja, na subjetividade), de um processo efetivamente existente e real. Com efeito, não podemos saber, *a priori*, as categorias de análise a serem “aplicadas” na pesquisa. Por outro lado, é a análise investigativa do objeto que nos revelará as categorias necessárias para sua descoberta.

Desse modo, para o Método Humano-Processual, a pergunta “*como pesquisar e como conhecer?*” está subordinada ao imperativo de responder “*o que é o objeto?*”. E mais: para respondermos o que é o objeto é preciso refletir sobre os processos que movimentam nossas individualidades em patamares mais elaborados. As técnicas de pesquisa (entrevistas, questionários, levantamento de dados, análise bibliográfica e documental etc.), por seu turno, são *meios e instrumentos* necessários para *fazer emergir a dinâmica processual imanente* do objeto em suas articulações *existenciais e essenciais*.

Não é a metodologia (ou procedimentos metodológicos) que deve dizer aquilo que o objeto é. Ao contrário: é o processo investigação do objeto que os ilumina. Todo objeto, no início do processo investigativo, representa um aspecto caótico, fragmentário, desorganizado. A pesquisa irá, em função de sua própria natureza, extrair a sua lógica imanente. Os efeitos não devem ser separados das causas. O mestre pintor, personagem de *A Obra-Prima Ignorada* de Balzac, compreendeu bem essa lição ontológica realista ao afirmar que:

A missão da arte não é copiar a natureza e sim exprimi-la! Não és um vil copista, e sim um poeta! – exclamou vivamente o ancião, interrompendo Porbus com um gesto despótico. – De outra forma, um escultor estaria quite com todos os seus trabalhos modelando uma mulher! Pois bem, experimenta modelar a mão de tua amante e a colocar diante de ti; depararás com um horrível cadáver, sem nenhuma aparência, e serás forçado a ir em busca do escopro do homem que, sem copiá-la exatamente, nela representará o movimento e a vida. Temos de apreender o espírito, a alma, a fisionomia das coisas e dos seres. Os efeitos! Os efeitos! Mas se eles são os acidentes da vida e não a vida! Uma mão, já que recorri a esse exemplo, uma mão não está unicamente presa ao corpo, ela exprime e continua um pensamento que é preciso apreender e reproduzir. Nem o pintor nem o poeta nem o escultor devem separar o efeito da causa, que invencivelmente estão um no outro. A verdadeira luta está aí! Muitos pintores triunfam instintivamente sem conhecer esse tema da arte. Vocês desenham uma mulher, mas não a vêem! Não é assim que se consegue forçar o arcano da natureza. As mãos de vocês reproduzem, sem que se dêem conta, o modelo que copiaram na oficina do mestre. Vocês não descem suficientemente na intimidade da forma, não a perseguem com suficiente amor e perseverança nos seus desvios e nas suas fugas. A beleza é uma coisa severa e difícil que não se deixa alcançar à vontade, é preciso esperar suas horas, espioná-la, aossá-la e enlaçá-la firmemente para obriga-la a render-se. (BALZAC, 1992, p. 15)

A análise de Balzac é precisa: a forma não se desprende do conteúdo, pois é esse último que apresenta o campo de atuação para compreendermos a sua manifestação enquanto forma. A reprodução, a descrição, por sua vez, são apenas momentos iniciais da pesquisa e não ainda o objeto compreendido em seu todo. Por isso mesmo, o escritor francês insistiu que “temos de apreender o espírito, a alma, a fisionomia das coisas e dos seres”. Entretanto, esse ímpeto e essa “fome” do real é uma necessidade atrelada à própria prática da produção do conhecimento e não por um capricho especulativo da subjetividade. Caso se separe as causas dos efeitos, as formas do seu conteúdo, teremos apenas uma imagem fraca e embaçada daquilo que pretendíamos conhecer. Em outras

palavras, sem essa subordinação da subjetividade em face da objetividade para extrair dessa o seu movimento essencial, teremos apenas uma cópia, um “horrrível cadáver”.

Não trabalhamos com nenhum “guia” ou “passo-a-passo” metodológico. Como já dizia Sartre “é preciso encarar as coisas como elas são” (SARTRE, 2009, p. 638). De modo geral e com finalidade unicamente introdutória e didática, esse método apresenta as seguintes potencialidades para a pesquisa educacional: 1) A Análise Genética; 2) O Aspecto Inter-relacional; 3) O Desenvolvimento e as Tendências do Objeto e; 4) A Ética na Pesquisa e no Ensino. Vejamos cada um desses pontos da metodologia humano-processualista.

A *análise genética* é sempre uma aliada poderosa para ajudar a compreender as origens, as estruturas, bem como o processo de maturação do objeto em questão. Igualmente *o aspecto inter-relacional* que o objeto estabelece com outras dimensões da vida e da sociedade, são importantes para não enxergarmos possibilidades que não existem efetivamente. Apenas são possíveis afirmações que se baseiam em argumentos respaldados na objetividade do fenômeno de modo histórico e articuladamente analisado.

454

É fundamental, nessa abordagem, “revisar de raiz os conceitos, transformá-los e aprender a trabalhar com suas transformações” (Hartmann, 2018, p. 07). Essa formulação de Hartmann é indispensável, pois permite compreender a necessidade de agarrar os condicionantes reais dos conceitos, suas modificações, seu movimento, em suma, suas articulações efetivas e processuais.

O *desenvolvimento* do objeto apresenta suas fases, suas continuidades, rupturas e tendências. O caráter processual ajuda a revelar a dinâmica inerente ao que está sob processo de investigação científica. Aliás, o próprio Aristóteles já nos explicou que:

[...] dizemos conhecer algo quando pensamos conhecer a causa primeira. Ora, as causas são entendidas em quatro diferentes sentidos. Num primeiro sentido, dizemos que causa é a substância e a essência. De fato, o porquê das coisas se reduz, em última análise, à forma e o primeiro porquê é, justamente, uma causa e um princípio; num segundo sentido, dizemos que causa é a matéria e o substrato; num terceiro sentido, dizemos que causa é o princípio do movimento; num quarto sentido, dizemos que causa é o oposto do último sentido, ou seja, é o fim e o bem: de fato, este é o fim da geração e de todo movimento. (Aristóteles, 2002, p. 15)

Com efeito, o movimento, o processo, os princípios e a essencialidade do mundo e dos fenômenos são ainda lições válidas que podemos aprender com os clássicos da filosofia. Por fim, a *ética* na pesquisa e no ensino. Já afirmamos que os indivíduos possuem uma autonomia relativa. Sejamos mais claros a esse respeito. Suponhamos que um cientista realize uma descoberta e, com a sistematização que efetuou, esse conhecimento poderia ser utilizado para despoluir os mares. Todavia, esse cientista não possui efetivamente o controle sobre o conhecimento científico que ele produziu. A totalidade pode, por exemplo, utilizar esse mesmo saber para produzir veneno, se isso for mais lucrativo.

O que essa situação hipotética revela ao Método Humano-Processual? Revela que o cientista, em primeiro lugar, cumpriu com a sua função, qual seja o desenvolvimento e promoção da ciência. Revela, ainda, a autonomia individual que cada sujeito apresenta em face da atividade que exerce. Entretanto, ao contrário de interpretações rápidas e simplistas, entendemos que pesquisadores e professores possuem um compromisso ético com o seu ofício científico e educacional.

455

Para lidar com os problemas científicos e filosóficos, para que possamos enfrenta-los, é necessário “ver o sentido do verdadeiro e do falso; pois todo trabalho de investigação luta para conquistar a verdade” (Hartmann, 2018, p. 09). Verdade e falsidade não são categorias imutáveis, a-históricas e absolutas para a abordagem humana-processualista. Por isso mesmo que a verdade “significa ainda, contudo, dar-se no Ente” (Hartmann, 2018, p. 12). Esse entendimento chama a atenção para a terrenalidade, para o realismo de ordem ontológica na produção e verificação de teorias científicas, educacionais e filosóficas, pois “cada coisa possui tanto de verdade quanto possui de ser” (Aristóteles, 2002, p. 73).

Um conhecimento científico se mostra verdadeiro quanto mais se aproxime da essencialidade do fenômeno. Isso só é possível mediante o contato profundo e consistente que a perspectiva com o real oferece. A subjetividade, nesse caso, precisa reconhecer, analisar e refletir sobre o objeto, sobre o “ente enquanto ente” do qual Hartmann (2018) nos explica, ou seja, analisar os objetos como eles são em si mesmos. Mesmo a perspectiva relativista “supõe um fundamento

ontológico”, sendo que as teorias que ignoram tal fundamento real e existente, “são coisa de simples e pura impossibilidade” (Hartmann, 2018, p. 14).

Investir esforços no desenvolvimento humanista dos indivíduos é uma empreitada que pode não transformar o mundo, mas contribui, mediadamente, para que cada sujeito assuma a dimensão ética necessária para a melhoria da sua atividade. A ética, nessa perspectiva, é entendida como o compromisso de cada indivíduo com o seu desenvolvimento e com a sociedade. Por isso, trouxemos o processo catártico como um dos fundamentos do Método Humano-Processual, pois diz respeito diretamente à conexão das individualidades com o gênero humano em um sentido extremamente positivo.

Esse humanismo ético em postura realista e ontológica, igualmente, é um parâmetro indispensável da perspectiva aqui em discussão. Suponhamos que um pesquisador renomado, que trabalha em uma importante universidade reconhecida mundialmente, autor de centenas de livros e artigos, defenda que o holocausto nazista ou a escravidão não foram processos anti-humanistas. Nesse caso, nosso parâmetro para a elaboração da crítica não deve se estruturar em premissas subjetivistas e relativistas. Não importa que esse pesquisador seja reconhecido internacionalmente e já tenha uma obra de impacto com muitos adeptos. O real é nossa prova ontológica. A objetividade comprovou e comprova a barbárie do holocausto nazista e da escravidão. Estamos diante, portanto, da necessidade da prova ontologicamente referenciada, indispensável para distinguir as possibilidades abstratas das possibilidades concretas, pois

456

Enquanto nos restringimos na esfera da subjetividade pura, uma infinidade de possibilidades se abre diante de nós, no interior das quais, por falta de uma confrontação com a realidade, é impossível dissociar as que são abstratas das que são concretas. Apenas o contato com a realidade é capaz de dissipar, como quiméricas, as possibilidades abstratas e validar as reais. (Tertulian, 2014, p. 46).

Apesar de Tertulian (2014) não realizar a crítica à Lukács por sua adesão à perspectiva socialista, a sua propositura ontológica e realista é fecunda para análise. É preciso “confrontar com a realidade” os posicionamentos, discursos e conhecimentos teóricos para que possamos diferenciar as possibilidades abstratas das possibilidades concretas. Essa diferenciação, por sua vez, é extremamente relevante para não incorrerem no equívoco idealista que deturpa o real mediante

modelos extraídos da subjetividade que gira ao redor de si mesma e, também, evitarmos os equívocos marxistas.

Não por um acaso qualquer, Hartmann afirmou que o “problema categorial que resulta assegurado nesse estado de coisas é patentemente um problema ontológico” (Hartmann, 2018, p. 15). Isso significa que os problemas teóricos, conceituais e epistemológicos não encontram sua solução na discordância ou concordância entre as subjetividades postas como princípio causal. Sendo a teoria expressão abstrata, no plano do pensamento, de um movimento real, processual e existente; então, mais uma vez, trata-se, sobretudo e em primeira instância, de um problema teórico de ordem e primado ontológico.

Mesmo o pensador mais relativista que, verdadeiramente, acredita que o real depende do “lugar de fala” ou do “olhar”; antes de escolher o restaurante em que irá jantar, primeiro, verifica o conteúdo da sua carteira. Trata-se, isto sim, em assumirmos a preocupação realista em fornecer conhecimentos científicos que sejam os mais fiéis possíveis aos processos que se passam no concreto, caso contrário, tenderemos, inevitavelmente, apontar soluções especulativas que tenderão apenas a agravar nossos problemas.

457

Por conseguinte, um professor que ensine aos seus alunos o conhecimento científico do conteúdo escolar com o qual trabalha e de modo didático contribui eticamente com a defesa humana dos indivíduos com os quais se relaciona. Fazer o entendimento de um determinado conteúdo escolar sair do senso comum e do plano mais imediato da empiria e avançar para uma compreensão sistematizada e elaborada é exercer a especificidade educacional ética e humanamente referenciada.

Aristóteles, já nos ensinou que “todos os homens, por natureza, tendem ao saber” (Aristóteles, 2002, p. 03). A questão, do ponto de vista humano-processual, é contribuir para que o saber que os indivíduos produzem e se apropriam contribua para uma inteligibilidade do real de modo profundo, auxiliando ainda, no aprimoramento do próprio sujeito que realiza o ato de ensinar e de pesquisar. Um conhecimento profundo do objeto e do indivíduo significa agarrar os fundamentos, os entraves e os processos, pois os “empíricos conhecem o puro dado de fato, mas não seu porquê; ao contrário, os outros conhecem o porquê e a causa” (Aristóteles, 2002, p. 05).

Não estamos fragmentando a dinâmica societária, científica e educativa. Ao contrário, como demonstramos, temos clareza das influências da dinâmica societária tanto na produção científica, quando no processo de humanização dos indivíduos. Nossa preocupação está em potencializar ao máximo a atuação dos indivíduos no plano da produção do conhecimento científico e no plano do seu ensino. A totalidade, como já nos ensinou a dialética hegeliana, não é sinônimo de tudo, pois “a verdade é o todo” (HEGEL, 1992, p. 31). Considerar esse princípio é relevante para não exigirmos da realidade e do objeto, possibilidades que eles não oferecem concretamente. Entretanto, igualmente não podemos cair no pessimismo ou na abordagem revolucionária que acredita que a atuação individual possui uma autonomia nula. Importante lembrar que:

O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-aí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si. Porém, ao mesmo tempo, sua natureza fluida faz delas momentos da unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem, todos são igualmente necessários. (Hegel, 1992, p. 22)

458

Os processos do objeto em seu movimento permanente de transformação, continuidade e ruptura são fundamentos do Método Humano-Processual para a investigação acadêmica. O processo científico e o processo humano em cada indivíduo permanecem o foco de nossas reflexões, pois como já nos ensinou Leontiev (2004):

As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas postas. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, “os órgãos da sua individualidade”, a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através de outros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança aprende a atividade adequada. Pela sua função este processo é, portanto, um processo de educação. (Leontiev, 2004, p. 290)

O processo de humanização dos indivíduos, portanto, implica uma série de interações, apropriações, dinâmicas e interações entre a cultura humana produzida historicamente, a sociedade e os indivíduos, pois ao contrário dos animais, nós seres humanos, precisamos nos formar enquanto tal.

Em decorrência desses entendimentos que os clássicos das ciências, artes e da reflexão filosófica apresentam uma fonte indispensável de humanização. Em um primeiro sentido, são fundamentais para a ampliação de nossa concepção de mundo e nosso sentimento ético e humanista. Em um segundo sentido, os clássicos são insubstituíveis para podermos apreender a riqueza multidimensional que o objeto que investigamos se consubstancia. Desse modo, os conhecimentos clássicos apresentam enorme contribuição ética ao nosso próprio desenvolvimento individual, pois fornecem as bases para a realização de nossa atividade de pesquisa e de ensino e, com isso, quanto melhor seres humanos e profissionais nos tornarmos, mais possibilidades teremos enquanto sociedade.

Estabelecemos relações com os grandes pensadores clássicos tendo em considerações dois parâmetros indissociáveis e igualmente relevantes. O primeiro, diz respeito à capacidade dos autores em nos revelarem aspectos essenciais daquilo que discutem, pesquisam, narram ou elaboram. O segundo aspecto se refere à perspectiva humanista presente em cada autor: trata-se de uma abordagem que dilacera a humanidade, a deforma e deturpa em preconceitos? Ou, por outro lado, o autor que estamos estudando está defendendo a humanização dos indivíduos e contribuindo para o processo catártico? Esses questionamentos são fundamentais, pois se relacionam aos fundamentos da abordagem metodológica aqui em discussão.

459

## **Considerações Finais**

O Método Humano-Processual não incorre em otimismo idealistas, nem em pessimismos sectários e dogmáticos. Nós não acreditamos que os indivíduos possam tudo o que quiserem apenas com o poder de sua vontade interior e, também, não acreditamos que o poder de sua atuação seja nulo. Queremos compreender, revelar e explorar ao máximo possível os limites e a potência humana e societária que cada indivíduo apresenta para que possamos lapidar nossa humanidade em patamares mais elaborados.

A realidade existe independentemente de nossa percepção sobre ela. Nós podemos conhecer a objetividade e avançar sobre seus planos mais aparentes. Trata-se, como demonstramos, de um

esforço científico e filosófico que implica um processo de aproximação à essencialidade contraditória, multidimensional e inter-relacionam que conformam os distintos processos.

O conhecimento científico é requisito *sine qua non* para a pesquisa educacional. Nossa atenção deve ser o de desvendar essa efetividade existencial do objeto e descobrir suas processualidades imanentes. Abandonar esse princípio ontológico e realista implica também abandonar a importância da distinção entre as possibilidades abstratas das possibilidades concretas e, dessa forma, poderemos incorrer nos equívocos do idealismo relativista ou do sectarismo revolucionário.

Essa abordagem humano-processualista reconhece que o conhecimento está em constante mudança e que toda teoria clássica apresenta suas contribuições e, também, seus desvios e lacunas. Inclusive, analisar justamente os acertos e equívocos de uma determinada teoria em face do objeto em sua *análise genética*, seu *aspecto inter-relacional*, seu *desenvolvimento e tendências*; numa *orientação ética* é um caminho promissor para a pesquisa em educação.

Para lidar com os inúmeros desafios que enfrentamos no cotidiano escolar em suas inúmeras processualidades inter-relacionais, precisamos, em primeiro lugar, conhecer esses mesmos processos, essa realidade exterior e que existe independente de nossos desejos, fantasias ou anseios. O conhecimento objetivo trata justamente dessa preocupação em compreender a educação – enquanto objeto – de modo genético, ontológico, respaldado no real para além das limitações fenomênicas.

Todavia, esse imperativo é apenas parte do processo de produção do conhecimento científico. A dimensão ética no Método Humano-Processual, como demonstramos anteriormente, é dupla: produzir ciência deve ser um processo de descoberta do objeto e de humanização das individualidades em constante formação e movimento, defendendo a integridade e a dignidade humana. Para a abordagem metodológica aqui em tela não devemos desconsiderar ou fazer “tábula rasa” das contribuições de outros métodos. Não podemos incorrer em posicionamentos dogmáticos que trabalham apenas com autores e produções que “pensam iguais a nós” e nos fechamos ao estudo e debate. O objetivo é conhecermos os objetos, então, devemos analisar criticamente os

autores, reconhecendo as divergências de cada concepção metodológica, para que possamos nos aproximar do movimento imanente do fenômeno em investigação.

Temos clareza de que a abordagem aqui em discussão causará estranheza e até mesmo um certo tipo de incômodo em algumas mentes. Todavia, até mesmo esse processo faz parte do movimento científico e filosófico. O velho sempre apresenta resistências perante o novo, sendo incapaz de compreender a sua superação. Jamais foi tão atual a premissa hegeliana de que o “começo do novo espírito é o produto de uma ampla transformação de múltiplas formas de cultura” (Hegel, 1992, p. 27).

O Método Humano-Processual reconhece o seu caminhar e coloca a autocrítica de seus fundamentos em constante e permanente debate. Levamos muito a sério a necessidade científica e ética em debater com autores e teorias de perspectivas teóricas distintas. Contudo, novamente afirmamos, nosso parâmetro é a correspondência com o real, enquanto fundamento ontológico das expressões intelectuais, bem como a necessidade de aprimoramento das individualidades em processo inacabável. Aliás, vale sempre lembrar que “quem experimenta uma sensação de dúvida e de admiração reconhece que não sabe” (Aristóteles, 2022, p. 11). Conhecer o real, a objetividade, implica conhecer os indivíduos e estes não existem fora da realidade objetiva, humana e historicamente produzida.

461

## Referências

ARISTÓTELES. **Metafísica – Livro I e Livro II**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BALZAC, H. **Ilusões Perdidas**. Tradução de Ernesto Pelandia e Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultura, 1978.

BALZAC, H. A obra-prima ignorada. In: **A comédia humana**. São Paulo: Globo, 1992.

FREDERICO, C. **A arte no mundo dos homens: o itinerário de Lukács**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

HARTMANN, N. **Ontologia (Fundamentos) – vol. 01**. Caxias do Sul: Proscênio Filosófico, 2018.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito – Parte I**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol. 23, n. 22, p.445-463, jan/dez 2023.

SARTRE, J. P. O Existencialismo é um Humanismo. 1952. IN: MARÇAL, J. (org.). **Antologia de Textos Filosóficos**. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Curitiba: SEED, 2009, p. 616-639.

SÓFOCLES. **Antígona**. 4ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

TERTULIAN, N. Gyorgy Lukács e a reconstrução da ontologia na filosofia contemporânea. In: VAISMAN, E.; VEDDA, M. (orgs.). **Lukács: Estética e Ontologia**. São Paulo: Alameda, p. 15-76, 2014.

*Recebido em: 28/09/2023*

*Aceito em: 10/12/2023*

*Publicado em: 14/12/2023*

*Total de Avaliadores: 03*

## ***Pareceres Abertos***

462

### ***Parecer 01***

Texto aprovado para publicação. São necessárias somente algumas correções ortográficas. O texto possui densidade teórica; escrita acessível e didática; e no geral atende aos requisitos e normas da revista. A temática do trabalho é, de fato, interessante e relevante para a pesquisa científica como um todo.

### ***Parecer 02***

O texto apresenta uma metodologia de pesquisa nomeada “método humano-processual”. Muito embora o objetivo do artigo não tenha sido explicitamente anunciado (sendo este um dos problemas do texto), pela sua leitura depreende-se que o/a/s autor/es pretendiam discuti-la teoricamente, buscando mostrar a sua contribuição para o campo da pesquisa educacional. Contudo, vários problemas no texto fazem com que essa intenção não tenha sido alcançada.

Um deles refere-se à fundamentação teórica da abordagem anunciada. O texto tece várias críticas à teoria marxista, denominando-a, por exemplo, de “idealista”, como na página 06, ou citando os “equivocos marxistas” (p. 12). Afirma também que a despeito de Marx ter construído uma teoria que permitiu compreender a realidade social, “sua fé no movimento proletário e numa perspectiva revolucionária fez com que se tornasse impossível aprofundar muitos aspectos filosóficos de sua abordagem teórica” (p. 06). Contudo, tais críticas não estão respaldadas em autores ou trabalhos, não havendo nenhum diálogo com a farta literatura existente a respeito.

Entretanto, a despeito das duras críticas feitas, o artigo vale-se, em sua fundamentação, de autores marxistas, como é o caso, por exemplo, do filósofo húngaro Georg Lukács. O texto vale-se também de autores da teoria histórico-cultural, como Alexis Leontiev, cuja base epistemológica é inteiramente o materialismo histórico-dialético.

Além desses problemas de ordem teórica, o artigo apresenta também problemas em relação à forma, como, por exemplo, trechos confusos, erros sintáticos e de padronização textual. Menciona-se também problemas no tocante a não observância plena das normas da ABNT. Essas e outras questões seguem destacadas no arquivo que acompanha o presente parecer.

463

Os problemas elencados fazem com que o leitor não consiga compreender em que consiste o “método humano-processual” e muito menos a sua contribuição para o campo da pesquisa educacional. Por esse motivo, e com base no exposto, este parecer é contrário à publicação do artigo “Método humano-processual: contribuições à pesquisa em educação”.

### ***Parecer 03***

O texto apresenta uma coesão e está dentro das normas. O referido texto apresenta introdução, um problema de pesquisa com objetivos claros e coerentes. A justificativa tem relevância social. Apresenta metodologia adequada com o que foi pretendido no estudo, além do detalhamento para ser reproduzida. Foram encontrados pequenos erros de digitação, falta de letras. Portanto, solicito uma última revisão para as devidas correções. Aprovado.